

Para T & B

# 1

## LGW – MAD

A caminho de casa, vindos do hospital, ela perguntou-lhe se queria que ela ficasse.

– Não, eu fico bem – disse ele.

Voltou a perguntar-lhe nessa tarde.

– Eu fico *bem* – disse ele. – Devias ir para casa. Vou procurar um voo.

– Tens a certeza, Jamie?

– Sim, tenho a certeza. Vou procurar um voo – repetiu, e já tinha o portátil aberto.

Ela ficou à janela, a olhar para a rua, infeliz. A vista das vivendas geminadas e das arvorezinhas despidas de Notting

Hill já lhe era familiar. Há mais de um mês que vivia no apartamento do filho, enquanto ele estava no hospital. Em janeiro foi-lhe diagnosticado um cancro na próstata — daí as semanas de radioterapia no Hospital de St. Mary. O médico disse que agora teriam de esperar um mês, e depois fazer exames para ver se o tratamento resultara.

— Há um amanhã à tarde, às cinco e pouco — disse-lhe ele. — Da Iberia. De Gatwick a Barajas. Pode ser?

Andava a pensar para consigo se não deveria ir de comboio e *ferry*. Disse a si mesma que não fosse palerma. Sabia que era uma parvoíce, aquele seu medo de voar. As estatísticas falavam por si.

— Sim — disse ela. — Pode ser.

Voltou-se para a sala outra vez. Jamie estava sentado no sofá, virado de lado, a teclar no portátil. Há décadas que vivia naquele apartamento, desde os 20 e poucos anos, toda a sua vida de adulto. Havia algo de neurótico, pensou ela, na sua recusa em mudar-se. Já tinha mais de 50 anos, o que era estranho. Ainda pensava nele como um jovem.

— Pronto — disse ele, fechando o portátil, — está tudo tratado.

E ela pensou como era fácil, hoje em dia, fazer isso — comprar um bilhete de avião, viajar pelo mundo.

Ele insistiu em acompanhá-la até ao aeroporto. Apanharam o Gatwick Express, não falaram muito, e despediram-se quando chegaram ao controlo de segurança. Ela estava a chorar, o que não era habitual. Passado um momento, quando se encontrava na fila ondulante da segurança, olhou para trás,

na esperança de ainda o ver ali. Ele já não estava, e ela teve a sensação, como se estivesse a ver o futuro, de que ele ia morrer desta doença, de que dentro de um ano ele estaria morto. A força da sensação ainda a fazia estremecer enquanto se descalçava e se debatia com o tabuleiro de plástico.

Depois de passar pela segurança, foi direita para um dos falsos pubs na zona de partidas, para beber um *Bloody Mary*.

Bebeu um segundo *Bloody Mary* e depois, quando anunciaram o seu voo, foi para a porta de embarque. A distância, afinal, era longa. Quando chegou, já várias pessoas faziam fila para embarcar — mais, pensou, do que as que caberiam no avião. Pensou se precisariam de voluntários para ficar em terra. Não precisavam. Tinha um lugar à janela. Olhou para a luz do sol, já baixo, no cinzento da pista. O avião começou a avançar.

Depois parou.

Parecia estar numa espécie de fila — numa ordem regular, chegava-lhe aos ouvidos o ribombar distante dos motores a jato, vindo de um lugar que não conseguia ver.

O tédio tinha-a praticamente sedado quando a voz do piloto, presente por uns instantes na cabine, murmurou:

— *Cabin crew, prepare for takeoff.*

Então, mesmo através da *vodka*, sentiu o medo ampliando como o ruído dos motores, em etapas bem definidas — primeiro uma espécie de estrondo, depois outra, enquanto ela era pressionada contra o assento e o mundo seguro passava por ela, à janela. Nunca conseguia acreditar, naquele ponto do processo, que o avião iria descolar. Dava sempre por si a pensar: *Já devia ter levantado voo, alguma coisa deve*

*ter corrido mal.* Por isso ficava sempre surpreendida, era sempre, de alguma forma, uma surpresa, quando o nariz do avião levantava, quando a nave se libertava da terra — na verdade, mais parecia que era a terra que estava a cair para longe.

O Sussex já estava a uma grande distância, lá em baixo, retalhos azulados de campos no crepúsculo.

Ouviu-se, vindo de algum lado, um tinido discreto.

Não sabia se era tranquilizador ou não, aquele tinido. Pensou no que significaria. Embora parecesse dizer que tudo se sucedia normalmente, o mais provável era que não quisesse dizer nada.

Olhou em volta, como se surpreendida por ainda estar viva, e reparou pela primeira vez no homem sentado no assento ao seu lado.

Estava muito quieto, com os dedos entrelaçados e as mãos pousadas no colo, a olhar fixamente em frente. Talvez também estivesse a tentar controlar o medo.

A certa altura, ela ia ter de lhe pedir para passar.

Assim que o sinal de apertar cintos foi desligado, voltou-se para ele e disse:

— Com licença.

Usou um tom de voz bem alto — era incrível quão alto tinha de se falar para se ser ouvido por cima do ruído.

Como suspeitava, o homem olhou para ela sem compreender; por um momento, pareceu não fazer ideia do que ela queria.

— Com licença — voltou a dizer.

Foi constrangedor ele ter de se deslocar para o assento vazio do corredor para a deixar passar. E ela pensou, enquanto passava, porque é que ele não *ocupava* simplesmente o assento do corredor, já que não estava lá ninguém — assim teriam ambos mais espaço.

Quando ele voltou a sentar-se no lugar do meio, ela deu por si a sentir-se irritada com a burrice dele. Chegou a pensar se não deveria sugerir-lhe que passasse para o outro lugar, e ocorreu-lhe uma formulação: *Não seria mais confortável para ambos se o senhor se sentasse ali?* Era o tipo de coisa que ela normalmente diria, com um sorriso encorajador. Neste caso, contudo, preocupava-a que o homem pudesse inferir da sugestão alguma espécie de preconceito — alguma espécie de preconceito racial — e só isso era o suficiente para a impedir de o fazer. Não se considerava racista, mas era-lhe difícil perceber claramente o que a fazia sentir-se embaraçada em situações destas. Pensou se deveria falar com o homem. Ele não parecia inglês. As poucas palavras que ele lhe dirigiu enquanto passavam um pelo outro no corredor soavam a francês.

De qualquer modo, ele parecia pensativo, perdido nos seus pensamentos, fossem quais fossem.

Com pequenos tinidos variados, como arranhões mínimos no troar de fundo, um carrinho estava a aproximar-se, no corredor.

Mexeu o *Bloody Mary* com um pauzinho de plástico. Os motores estavam a ronronar em ondas rítmicas, lentas. Sentiu a *vodka* fazer efeito. A techedura compacta do mundo parecia estar a desfiar-se. A sua mente parecia agora ter primazia

sobre ele — os seus pensamentos começavam a tomar a forma de coisas que estavam realmente a acontecer. A morte do filho, por exemplo, surgia-lhe como uma série de imagens que pareciam tão verdadeiras, que a fizeram chorar em silêncio. Voltou-se para a janela e no plástico escuro encontrou apenas o seu rosto, cheio de sombras, como uma paisagem no lusco-fusco. Imaginou-se, depois da morte dele, a esvaziar-lhe o apartamento — a tirar tudo das estantes, todas as coisas a que ele se agarrara com tanta tenacidade ao longo de todos aqueles anos. Foi então que o primeiro abanão agitou o avião. O que ela detestava na turbulência, mesmo a mais leve, era a forma como punha fim à ilusão de segurança, como tornava impossível fingir que aquele era um lugar seguro. Graças à *vodka*, conseguiu mais ou menos ignorar o primeiro abanão. O seguinte foi mais difícil de ignorar, e o outro a seguir foi suficientemente violento para entornar uma *Coca-Cola* no colo do homem ao lado.

E depois a voz do piloto regressou subitamente, num tom assustadoramente sério:

— *Cabin crew, please take your seats.*

Quando aquilo passou, durante a sinistra calma provisória abriu os olhos e olhou diretamente para os do homem ao seu lado. Também ele estava sobressaltado. Agora que o mais assustador passara, ele começou a limpar a *Coca-Cola* entornada nas calças do seu fato. Ela passou-lhe uns lenços de papel e ele agradeceu, e depois disso conversaram um pouco sobre as circunstâncias do seu voo. O homem contou-lhe que estivera em Londres a trabalho. Ela perguntou-lhe o que

é que ele fazia. Sentiu-se mal. A agitação que se seguira ao medo estava a transformar-se numa coisa pior, numa espécie de tontura. Teve a desagradável sensação de as coisas se mexerem à sua volta e viu, pela expressão do homem, que devia estar com péssimo ar. Sentiu-se agoniada. O homem fez-lhe uma pergunta que ela não conseguiu perceber. Repetiu-a várias vezes, depois levantou-se e afastou-se.

Quando ela voltou a abrir os olhos, parecia ter a cabeça no assento do homem e estava a olhar para uma mulher morena, acima de si. A mulher estava a fazer-lhe perguntas em inglês com um forte sotaque espanhol. Uma das perguntas era «é diabética?», e ela conseguiu dizer que não com a cabeça ao ouvi-la. Depois a mulher disse:

— Sou médica. Estou aqui para a ajudar.

— Obrigada — disse ela, sem saber se a sua voz tinha som, e foi a última coisa de que teve consciência antes de vomitar no chão do avião.

Ouviu um grande ruído e pensou, com a cabeça quase no tapete, que o avião devia estar mesmo a despenhar-se naquele instante. Então compreendeu que estava a aterrar.

Seguiam numa ambulância, ela e a médica espanhola. Os paramédicos tinham-lhe dado uma injeção e sentia-se com mais forças. Pediu para ir para casa, não para o hospital, mas aparentemente não era possível. Estavam sentadas dentro da ambulância, que percorria as ruas de sirene ligada, e ela estava a contar à médica como fora a turbulência, esquecendo-se, talvez, de que a médica também tinha estado no avião.



— Nunca senti tanto medo — disse. — Fechei os olhos e disse a mim mesma para encarar o facto de que estava prestes a morrer. Não tinha dúvidas de que estava prestes a morrer. Estava ali sentada, de olhos fechados, a pensar: *Se vou morrer, por favor, que o Jamie viva. Por favor, que ele viva. Por favor, que ele viva.*

Fez uma pausa e disse:

— Não costumo fazer coisas destas. Não sei com quem é que achava que estava a falar.

— Talvez fosse com Deus? — sugeriu a médica, sorrindo.

— Não acredito em Deus. A questão é essa.

Percebeu que estava a ser invulgarmente espontânea e faladora, e, pensando vagamente no que lhe teriam dado os homens da ambulância, disse:

— O mais estranho é que agora tenho uma sensação de esperança acerca de tudo o que se passa. Estava tão em baixo, e agora tenho esta sensação de que vai correr tudo bem, de que o Jamie vai ficar bem.

A médica voltou a sorrir. A ambulância parou.

— Chegámos — disse.

Depois de um momento de turbulência, uma mulher mete conversa com o homem que se senta a seu lado no avião, revelando-lhe a sua intimidade. Ao chegar a casa, após outro voo, esse homem recebe notícias trágicas que implicam profundamente a vida de outra pessoa, um piloto de aviões, o qual, transtornado, acaba por procurar conforto nos braços de uma jornalista que conhece essa mesma noite, e cuja vida também se transformará antes de conseguir seguir para o aeroporto e terminar uma reportagem que, por sua vez, terá consequências no destino de outras pessoas.

De Londres a Madrid, de Dakar a São Paulo, de Toronto a Deli, em viagem para reencontrar amantes, irmãos afastados, parentes idosos ou ninguém, as histórias dos doze desconhecidos que compõem *Turbulência* são o retrato de um mundo global, e uma exploração corajosa e delicada dos efeitos que o nosso percurso, aparentemente tão pessoal, tem na vida dos outros — por vezes, de modo devastador.

«*Turbulência* parece sugerir que o século XXI está a acontecer a muitos quilómetros de altitude ou em aeroportos anónimos. Szalay é o nosso maior cronista desses lugares desenraizados e gastos, e das vidas desesperadas e itinerantes dos que os habitam.»

*The Guardian*

<b>ELSINORE</b> entre nós e as palavras 2020 editora	ISBN 978-989-707-988-7  9 789897 079887 Literatura Traduzida
YOU ARE WELCOME TO <a href="http://WWW.ELSINORE.PT">WWW.ELSINORE.PT</a>	